Visita IX — Solidão do Menino Jesus

> **Epígrafe.** «Vigiei, e estou feito como pássaro solitário no telhado» (Sl 101, 8)

Inspira compaixão o pardal que, durante o rigor do inverno, fica em torno das casas cobertas de neve. Está só; os outros pássaros partiram. É pobre; não tem por abrigo senão o telhado gelado das choupanas, e por alimento senão alguns grãos perdidos ou os frutos de algumas sarças, escapados às intempéries das estações. É a ele que se compara o Menino de Belém.

Voltados os Pastores a seus rebanhos, os Magos a seus reinos, ficais só, divino Menino, com Maria e José. Que abandono! Ai de nós! essa solidão em que o mundo vos deixou nos dias de vosso nascimento, continua a deixar-vos nela. Vou às casas, às ruas, às praças públicas, e por toda parte encontro numerosa companhia: para estar só, basta-me vir ao vosso templo, junto do vosso presépio. Perdão, divino Menino, por tantos corações dissipados e ingratos, bem dignos da censura que são João Batista dirigia aos habitantes da Judeia: *«no meio de vós esteve, quem vós não conhecéis»*.[1]

Mas por que o Verbo eterno, que podia nascer numa grande cidade, na capital do universo, num palácio, em meio a uma multidão ansiosa, quis colocar o seu berço num estábulo solitário, longe do ruído e dos olhares do mundo? Regulada pela sabedoria infinita, essa escolha que espanta à primeira vista entra, como todas as outras circunstâncias da vida e da morte do Menino Jesus, no plano de nossa redenção e nos dá duas lições importantes.

O vosso inimigo contínuo e mais perigoso, diz-nos o pequeno Solitário de Belém, é o mundo. O mundo com suas máximas corrompidas e seus exemplos sedutores; o mundo, cujo tumulto vos impede de ouvir a voz de Deus e da consciência, *non in commotione Dominus*; o mundo, que por suas loucas alegrias e suas preocupações todas terrestres vos arrasta, como a contragosto, por uma via que parece reta e agradável, mas que vai dar no abismo; o mundo, enfim, inteiro mergulhado no mal, *totus in maligno positus*: eis o inimigo que mais deveis temer. Quereis escapar aos perigos do mundo? Buscai a solidão.

Não é bastante: quereis encontrar a Deus, gozar de seus colóquios e receber seus favores? Buscai a solidão.

É a dissipação e o esquecimento de Deus que perdem o mundo; ele só se salvará quando entrar em si mesmo e escutar a voz de seu Deus. Tal é a linguagem que o divino Menino nos dirige por

seu exemplo.

Dóceis ao seu convite, eis-nos no limiar da gruta onde reside. Para entrar nela sem custo e para permanecer com proveito, lembremo-nos de que Aquele que vimos visitar é solitário, menino e salvador.

É solitário. Em sua morada, como tudo respira solidão, calma e silêncio! O divino Menino está silencioso em seu presépio. Maria e José o adoram e o contemplam em silêncio. Foi revelado à irmã Margarida do Santíssimo Sacramento, da ordem do Carmelo, que tudo o que aconteceu na gruta de Belém, mesmo a visita dos Pastores e a adoração dos Magos, se realizou em silêncio e sem palavras. Mas como é eloquente esse silêncio, e quão feliz é aquele que, recolhido em si mesmo, conversa com Jesus, Maria e José na santa solidão do estábulo! Por ali terem estado um instante, os Pastores saíram tão abrasados de amor que, não podendo moderar o seu ardor, não cessavam de louvar a Deus e de bendizê-lo.[2]

Os mesmos favores nos esperam, se entrarmos em silêncio na gruta do Deus solitário. Silêncio exterior e sobretudo silêncio interior; trégua a todos os pensamentos alheios, a todas as preocupações terrestres; só nos lembremos de nós mesmos e dos outros, de nossos interesses e dos deles, para falar deles ao divino Menino. As próprias palavras não são necessárias: ele lê em nosso coração. Olhemos, contemplemos, adoremos em silêncio. No mais íntimo de nossa alma ressoará uma voz que nos dirá: ama aquele que tanto te amou; ama, e teus pecados serão perdoados, e as graças que pedes, concedidas.

Ora, como não amar? Ao ver a pobreza desse gracioso pequeno Eremita, que mora sem fogo, numa caverna fria e úmida; que tem por berço uma manjedoura e por leito um pouco de palha; ao ouvir os vagidos e ao ver as lágrimas desse menino inocente: como a alma, sabendo que ele é seu Deus, poderia pensar em outra coisa senão em amá-lo? Para quem tem fé, que doce ermida é o estábulo de Belém! É o céu na terra. Ali, na companhia de Maria e de José, veem-se com os próprios olhos, tocam-se com as próprias mãos a misericórdia de Deus em pessoa e o seu amor infinito pelos pobres filhos de Adão.

Aquele que vimos visitar é menino. Todas as fraquezas da infância o cercam; todas as graças da infância brilham em seu rosto; todos os gostos da infância se encontram em seu coração. A criança gosta de doçuras e de carícias; ama sua mãe, ama sobretudo as outras crianças, porque partilham suas inclinações e seus jogos. Se sabemos impor-nos algumas mortificações e alguns sacrifícios por amor do Menino de Belém, oferecemos-lhe doçuras; as esmolas que fizermos, os bons conselhos que dermos serão as nossas carícias. O divino Menino regulará seu amor por nós pelo que tivermos por Maria, sua mãe. Seremos sobretudo os seus privilegiados, se formos meninos como ele.

Jesus ama a infância, *amat Christus infantiam*. Quantas vezes não lhe prodigalizou as provas de sua afeição? Não disse ele:

> *se vos não converterdes, e vos não fizerdes como meninos, não haveréis de entrar no reino dos ceos?*

Como todas as do divino Mestre, essa palavra é uma ordem absoluta. Se, pois, queremos ser admitidos na gruta de Belém, esse paraíso da terra, e mais tarde no paraíso da eternidade, sejamos crianças. Crianças pela simplicidade de nossa fé; crianças pela tranquilidade de nossa esperança; crianças pela sinceridade de nosso amor; crianças pela nossa candura e simplicidade; pela nossa obediência, pela nossa humildade, pela nossa doçura e pela nossa inocência; crianças sem fel e sem rancor, esquecendo prontamente e para sempre as injúrias e as perseguições; crianças sem egoísmo, partilhando de bom grado com os pobres os dons da Providência.

O Menino de Belém é salvador. Eis o seu verdadeiro nome, a sua verdadeira qualidade, o título mais glorioso para ele e mais consolador para nós. É Salvador de todos, *pro omnibus mortuus est*; salvador do corpo e da alma; salvador para o tempo e para a eternidade; salvador dos reinos e das famílias, e de cada um de nós em particular. Nele e só nele está a cura de todos os nossos males, a consolação de todas as nossas penas; nele e só nele, todos os bens que nos faltam. De seu presépio como de sua cruz, ele nos chama e nos diz: Vinde todos a mim e eu vos curarei; pedi somente, e recebereis.

«*Do coração do divino Menino*», diz são Bernardo,

> *brotam quatro fontes inesgotáveis. A primeira é a fonte da misericórdia, na qual podemos lavar todas as manchas de nossos pecados: é formada das lágrimas e do sangue do Verbo feito carne.*[3]

A segunda é a fonte da paz. Quem bebe dessa fonte sente logo a calma nascer em sua alma. O desgosto dos prazeres sensuais, que levam a perturbação e a devastação onde quer que dominem, desaparece para dar lugar ao desejo ardente dos verdadeiros prazeres e dos verdadeiros bens. Gozando de uma paz que ultrapassa todo sentimento, a alma que bebe dessa fonte eleva-se a uma santa indiferença. Já não tem sede de nada, e já não lhe vem ao pensamento ir mendigar junto das criaturas consolações que elas não lhe podem dar.[4]

A terceira fonte é a da devoção. Está na natureza do homem ser devoto. Assim todo homem é devoto de alguém ou de alguma coisa: uns do dinheiro, outros da honra, aqueles de alguma miserável criatura. Devoção culpável, degradante e infeliz, não é ela que mana da fonte do Salvador. A devoção que se bebe em Belém é a devoção a Deus e aos bens eternos. Oh! como se torna devoto e pronto a cumprir a vontade de Deus em todas as coisas, como cresce rapidamente em virtudes, aquele que medita com frequência o que fez por ele o Menino do presépio! É como a árvore plantada à beira das águas correntes, que se cobre de folhas, de flores e de frutos a seu tempo.

A quarta fonte é a do amor.

> *Ao meditar, meu coração tornou-se uma fornalha: In meditatione mea exardescet ignis.*

É impossível não amar o divino Menino, e não amá-lo apaixonadamente, quando se é fiel em vir, no estábulo de Belém, contemplar e meditar em silêncio os sofrimentos, as ignomínias, as humilhações de todo gênero a que ele se condenou por amor de nós. Façamos a experiência, e reconheceremos a verdade desta palavra do Profeta: *«Vós tirareis com gosto aguas das fontes do Salvador»*.[5]

Pequena coroa: Divino Menino Jesus, que para a salvação do mundo quisestes nascer num estábulo e ser deitado numa manjedoura, sobre um pouco de palha: tende piedade de mim.

Maria e José, rogai ao Menino Jesus por mim.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Jaculatória: Amemos o Menino de Belém, *amemus Puerum de Bethléem*.

Propósito: Examinar se possuo, e em que grau, as virtudes da santa Infância.

Notas

[1] *Medius autem vestrum stetit quem vos nescitis.* (Jo 1, 26.)

[2] *Reversi sunt laudantes et benedicentes Deum.* «E os pastores voltarão glorificando, e louvando a Deos.» (Lc 2, 20.)

[3] *Lavit nos a peccatis nostris in sanguine suo.* «E nos lavou dos nossos peccados no seu sangue.» (Ap 1, 5.)

[4] *Qui biberit ex aqua quam dabo ei, non sitiet in æternum.* «Mas o que beber da agua, que eu lhe hei de dar, nunca jámais terá sede.» (Jo 4, 13.)

[5] *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.* (Is 12, 3.)

Revision #1
Created 23 November 2026 23:45:08 by Admin
Updated 23 November 2026 23:45:08 by Admin